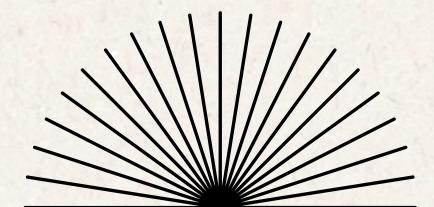


RÁDIO E DECOLONIALIDADE:

A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS CONTRA-HEGEMÔNICAS POR COMUNIDADES NEGRAS E INDÍGENAS

AUTORES:

Marco Aurélio Reis e Nayara Zanetti



Índice

03	Contexto
04	Objetivos
05	Fundamentação teórica
06	Metodologia
07	Rádio expandido
08	Rádio e as fases históricas da decolonialidade digital
09	Dimensões da reexistência pelo Rádio
10	Conclusões e contribuições

Contexto: a exclusão Estrutural na Comunicação Brasileira

- Fundação colonial da mídia: a comunicação brasileira, desde os primeiros jornais em 1808, carrega as marcas da exclusão estrutural. A palavra pública foi historicamente monopolizada por elites econômicas e políticas;
- Concentração midiática e silenciamento: essa fato, sustentado pela lógica da colonialidade do poder, produziu o silenciamento estratégico de vozes dissidentes (saberes negros, indígenas e periféricos);
- Narrativa hegemônica: criou-se uma narrativa hegemônica que invisibilizou experiências e cosmologias não eurocêntricas. Este apagamento sistemático foi fundamental para a construção de um projeto nacional que estabeleceu hierarquias epistêmicas;
- Contramovimento (1980–2020): emerge um contramovimento transformador – as mídias decoloniais – que contestam conteúdos e as próprias infraestruturas técnicas e linguagens estabelecidas.

O Rádio como meio de resistência e objetivo do estudo

- O Rádio na insurgência comunicacional: o rádio reaparece com força renovada como meio privilegiado de resistência cultural;
- Sua natureza é gratuita, tecnologicamente acessível e profundamente comunitária;
- Possibilita a reocupação simbólica e material do espectro comunicacional por grupos historicamente excluídos;
- Objetivo central do artigo: analisar criticamente como o rádio, articulado ao ecossistema das mídias decoloniais, atua como ferramenta potente de resistência política e afirmação cultural;
- Foco da Análise: Busca-se compreender as estratégias comunicacionais e os significados políticos mais amplos de suas práticas, situando-as nas lutas por decolonização do conhecimento e das relações sociais.



Fundamentação Teórica:

- Colonialidade do Poder (Quijano, 2005): persistência estrutural de hierarquias raciais, epistêmicas e econômicas após o fim formal do colonialismo. No campo da comunicação, manifesta-se pela concentração tecnológica e imposição de narrativas eurocentradas;
- Epistemologia do Sul (Santos, 2010): mídias decoloniais inspiradas neste conceito constroem espaços de fala coletiva e ampliam a diversidade ontológica, afirmando saberes até então considerados inferiores;
- Reexistência (Santos, 2019): conceito de resistência que não se limita à oposição, mas que criaativamente alternativas concretas e novos mundos possíveis;
- As emissoras indígenas e quilombolas exemplificam a reexistência, pois produzem saberes e tecnologias enraizadas em cosmologias próprias, não subordinadas aos paradigmas ocidentais hegemônicos.

Metodologia

ABORDAGEM

Qualitativa, baseada no estudo de caso (Yin, 2011)

CASOS ANALISADOS

Quatro experiências radiofônicas contra-hegemônicas significativas: Rádio Yandê (indígena); Rádio Mocambos (quilombola); Rádio Wayuri (povos do Rio Negro); e Rádio Quilombo FM (quilombola no Maranhão).

CRITÉRIOS E ANÁLISE

- **Critérios de Seleção:** incluíram protagonismo comunitário, vínculo político-cultural explícito, uso central do rádio, reconhecimento e caráter inovador de Rádio Expandida (Kischinhevsky, 2016);
- **Análise de Dados:** interpretação à luz das cinco fases históricas da decolonialidade digital (Reis e Arruda, 2025)¹⁵¹⁸, utilizando triangulação de fontes (documentos das rádios, matérias, produções acadêmicas e observação).

Rádio e as fases históricas da decolonialidade digital

Fase	Período	Iniciativas-chave e o papel do Rádio	Características Principais
00 – Raízes Analógicas	1980–1994	Rádio Favela (BH) ²⁹ . Rádios comunitárias e populares atuaram como núcleos de resistência simbólica, promovendo a circulação de vozes periféricas e comunitárias ²⁹	Comunicação pirata; estética popular; denúncia da elitização das concessões ²⁹ . O rádio sustentou modos próprios de narrar a experiência periférica ³¹ . ²⁹ ...
1 – Primeira Era Digital	1995–2005	Indymedia Brasil, Pontos de Cultura Sonora ²⁹ . Emissoras passaram a experimentar formas híbridas de transmissão, incorporando o streaming e a web ³² .	Publicação aberta, autonomia tecnológica ²⁹ . O rádio começou a se expandir (rádio expandido) ³² . ²⁹ ³²
2 - Plataformização Criativa	2006–2015	Rádio Yandê, Rede Mocambos ³³ . O rádio expandido se consolidou, incorporando smartphones e redes sociais ²¹ .	Jornalismo insurgente, redes mesh, valorização de línguas indígenas ³³ . O rádio se tornou plataforma de encontro e formação ³⁴ . ²¹ ...
3 – Contra-ataque às Big Techs	2016–2023	AfroFlix, Núcleo de Mídia Indígena ³³ . O rádio expandido ressurge com força no cenário digital distribuído ³⁴ .	Plataformas autogeridas, soberania tecnológica, memória digital ³³ . O som passa a operar como vetor de territorialidade e insurgência frente à hegemonia algorítmica ³⁵ . ³³ ...
4 – Futuros Decoloniais	2024+	Experimentações com Inteligência Artificial decolonial (guaraní, tupi) ²⁸ ³³ .	Computação indígena, tecnoxamanismo, cosmotécnicas do Sul global ²⁸ . Repositionamento do rádio como campo de disputa tecnológica e simbólica ³⁵ . ²⁸ ...

Dimensões da reexistência pelo Rádio

- 1. Dimensão Ontológica:
 - Manifesta-se na afirmação do “direito de aparecer” (Butler, 2015).
 - O ato de falar e ser ouvido se torna uma forma de presença política e ontológica.
 - Ao sonorizar corpos silenciados, o rádio inverte a lógica necropolítica (Mbembe, 2017) que negou a plenitude ontológica de corpos racializados. A escuta é uma forma de reparação.
- 2. Dimensão Epistemológica:
 - Emerge da valorização sistemática dos saberes locais, da oralidade e das formas comunitárias de produção de conhecimento.
 - A voz opera como tecnologia ancestral de transmissão do saber e desafia a hierarquia epistêmica moderno-ocidental.
 - O fazer radiofônico se torna uma prática de educação decolonial, mobilizando a aprendizagem pela convivência e partilha.
- 3. Dimensão Política e Tecnológica:
 - Materializa-se na disputa concreta por infraestrutura, espectro e visibilidade pública em um contexto de monopólio midiático.
 - As rádios atuam como laboratórios vivos de soberania tecnológica (Couldry e Mejias, 2019).
 - Isso envolve a construção de infraestrutura comunicacional como território político autônomo (e.g., uso estratégico de redes comunitárias e servidores próprios), propondo ecossistemas alternativos às lógicas extrativistas das Big Techs.

Conclusões e contribuições

- O rádio, em suas transformações, tornou-se um verdadeiro território existencial: espaço de memória coletiva, educação popular e ação política transformadora;
- As experiências demonstram que, para grupos marginalizados, comunicar é existir publicamente e resistir às tentativas de apagamento;
- A democratização da comunicação depende fundamentalmente da capacidade coletiva de criar infraestruturas autônomas e epistemologias próprias, desafiando a hegemonia tecnológica e cultural vigente;
- Desafios Futuros Urgentes: Garantir a sustentabilidade técnica e financeira de longo prazo e a preservação documental adequada, especialmente diante da captura e cooptação pelos modelos das Big Techs;
- Em relação as contribuições, é essencial reforçar políticas públicas de fomento às rádios comunitárias, incentivar tecnologias livres e promover processos de educação midiática de caráter decolonial;
- Essas rádios reexistem (Santos, 2019), afirmando que a comunicação é um direito comum fundamental e uma ferramenta concreta de libertação cultural e política.

Obrigada!

CONTATOS

E-mail marco.reis@ufjf.br

Lattes <http://lattes.cnpq.br/9146342719190691>

E-mail nayarazanetti.s@gmail.com

Lattes <http://lattes.cnpq.br/7197717829262291>